

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLA GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

MEMORIAS

	Pags.
M. Vieira Natividade	
F. Adolpho Coelho	
Theophilo Braga	
Sousa Viterbo	
José da Silva Picão	
Alberto Sampaio	
— GRUTAS DE ALCOBACA (com 237 figuras em XXIV estampas)	433-474
— A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUES (continuação)	475-496
— SOBRE GRAVURAS DOS LIVROS POPULARES (com 46 gravuras)	497-512
— ADAGIARIO PORTUGUEZ	513-534
— ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO (com 5 grav., continuação)	535-548
— AS "VILLAS" DO NORTE DE PORTUGAL (continuação)	549-584

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Rocha Peixoto	— <i>Uma iconographia popular em azulejos</i> (com 10 gravuras)	585-590
SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA		
Communicações presentes á terceira sessão de 9 de abril de 1899 (com 8 gravuras)		
A. dos Santos Rocha	— <i>Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria</i>	591-592
—	— <i>Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira</i>	592-593
—	— <i>Estação luso-romana da Pedrulha</i>	593-595
—	— <i>Dado romano proveniente das ruínas de Condeixa-a-Velha</i>	595-596
—	— <i>Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho</i>	596-598
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso	— <i>Observações sobre os restos humanos da necropole de Nossa Senhora do Desterro</i>	598-599
A. dos Santos Rocha	— <i>Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena</i>	600-601
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)</i>	601-602
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu</i>	602
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Arcabuzes de serpe e morrão</i>	603-604
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Amuletos do concelho da Figueira</i>	604-605
Augusto Goltz de Carvalho	— <i>Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos</i>	605
José Fortes	— <i>Lagar de mouros</i> (com uma estampa)	606-608
L. de Figueiredo da Guerra	— <i>Uma povoação subterrada</i>	609-612
Albano Bellino	— <i>Habitación urbana</i> (com 11 gravuras)	613-618
A. Thomaz Pires	— <i>Amuletos</i>	618-622
Mello de Mattos	— <i>Cultura dos trigaes no Alemtejo</i>	622-623
Rocha Peixoto	— <i>Os cercos</i>	623-624
Rodríguez Monteiro	— <i>Os palitos</i> (com 2 gravuras)	625-628
Rocha Peixoto	— <i>A origem d'uma formula magica</i>	628-629
Sousa Viterbo	— <i>As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas</i>	629-631
Tavares Teixeira	— <i>Folk-lore transmontano</i>	631-632

NOTICIAS

<i>Alfaiá agricola portuguesa</i> , por F. Adolpho Coelho (com 14 gravuras)	633-649
<i>A Carta geologica de Portugal</i> , por R. P.	650
<i>A colleção archeologica de Albano Bellino, em Braga</i> , por R. S.	651-652
<i>Os portuguezes segundo algumas photographias</i> , por R. S.	653

OS MORTOS

<i>Emílio Hübler</i> , por Joaquim de Vasconcellos (com 1 retrato)	654-656
<i>Luciano Cordeiro</i> , por R. P. (com 1 retrato)	656

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA — <i>Antiguidades prehistoricas da Figueira</i> , por R. S.	657-659
A. GONÇALVES LOPES — <i>Os Beirões</i> , por F. C.	659-660
AGOSTINHO VIEGAS DA CUNHA LUGAS — <i>O angulo biorbital dos cranios portuguezes</i> , por F. C.	660
ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO — <i>Estudos sobre a mandibula</i> , por F. C.	660
M. ESTEVES PEREIRA — <i>A industria portuguesa</i> , por R. P.	661
VARIOS — <i>Le Portugal</i> , por R. P.	662-664

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASC.: D. Clotilde da Rocha Peixoto, E. Corrodi, F. Gil, G. Van Kricken, Hugo de Noronha, L. Battistini, M. Natividade, S. Silvestri, etc.

C LICHÉS DE: Joaquim d'Alreu, M. Carneiro, Sousa Pinto, etc.

J. M. Esteves Pereira. A INDUSTRIA PORTUGUESA (SEculos XII A XIX). Com uma introdução Sobre as corporações operarias em Portugal, 8.º, 42 pags. Empresa do Occidente ed. Lisboa, 1900.

O sr. Esteves Pereira collige n'este opusculo os seus artigos sobre a historia da industria nacional. A segunda parte, ou seja o relato breve e fugaz de varios officios, industrias e occupações agricolas através dos successivos reinados da monarchia, são uma compilação levemente resenhada das fontes conhecidas — Accursio das Neves, Jacome Ratton e Joaquim de Vasconcellos entre outros. E' todavia interessante, e sempre util, esta especie de vulgarisação, uma vez que rareiam os que originariamente buscam lição nos livros esquecidos e nomeadamente nos archivos. Expurgada d'uma ou outra pretensão de erudito, como seja, por exemplo, a exhibição — plagiada, por signal — das maravilhas que as caravellas nos traziam do Oriente e que o sr. Esteves Pereira extrahiu, um pouco alterada, das conhecidas *Grandesas do Estado da India*, este resumo, como subsidio de propaganda, está harmonico, bem organizado e accessivel.

Melhor, comtudo, embora perfunctoria, é a sua introdução sobre as corporações operarias em Portugal. Historia o sr. Esteves Pereira a evolução dos officios e artes mechanicas, alludindo ás raizes originaes desde o collegio romano e a gilde germanica até á plena efflorescencia, após a servidão medieval, das comunidades dos mesteiros. O embandeiramento, a organização, a regulamentação, os privilegios e as prerogativas merecem-lhe allusões, como não podia deixar de ser; e a limitada litteratura que pode fornecer materiaes para se formarem ideias genericas sobre as corporações de officios conhece-a geralmente o sr. Esteves Pereira: o *Indice*, para Coimbra, de Ayres de Campos, as *Dissertações* de Ribeiro para o Porto e provavelmente o catalogo dos *Regimentos* que existem manuscritos na Bibliotheca d'esta cidade, o copioso repositorio de Freire de Oliveira, para Lisboa, e ainda o *Livro dos regimentos*, reformado sob a ordem do Senado da capital, em 1572, por Duarte Nunes de Liam, etc.

E, n'um ponto de vista elemental, um esboço habilmente elaborado. Não nos passou desprecebida, por exemplo, a annotação do auctor relativamente ao arruamento, iniciado presumivelmente nos fins da primeira dynastia e prolongado até ao tempo de Pombal — segundo as *Recordações* de Ratton que o sr. Esteves Pereira conhece e aproveita.

Entretanto o auctor não viu a *Descripção da cidade do Porto*, do padre Rebello da Costa, alguns trabalhos magistraes do sr. Joaquim de Vasconcellos e, entre outros, *A officina e a aprendizagem no seculo XVI*, inserto na *Revista da Sociedade de Instrucção*, e a monographia do sr. Aveilino Guimarães intitulada *Subsidios para a Historia das industrias vimaranenses* e publicada na *Revista da Sociedade Martins Sarmento*. N'elles encontraria, além de extractos dos estatutos dos ourives, dos sapateiros e dos surradores (como nas *Artes*, do sr. Sousa Viterbo, os dos bordadores e dos colchoeiros) contribuições de alto valor para o seu proposito. N'um trabalho de mais vulto que emprehendesse — e pode porque existem recursos para tal — os estudos alludidos não deveriam olvidar-se.

Registrando as interessantes e curiosas informações que prestam os regimentos das festas do Corpo de Deus, citando um do Porto e outro de Lisboa (havendo ainda, quanto aos de Braga, extractos e observações esparsas em jornaes pelo sr. Sousa Machado, que certamente não chegaram ao conhecimento do auctor), o sr. Esteves Pereira poderia escrever um capitulo pittoresco e atrahente. Certo que isto se tem feito já: o sr. Theophilo Braga n'um dos seus ultimos livros, o abba de Miragaya no voc. *Villa Real do Portugal antigo e moderno*, varias publicações litterarias, etc. Mas o sr. Esteves Pereira denuncia faculdades que asseguram o exito d'uma semelhante tentativa; e no *Occidente*, onde collabora, teria um logar de apreço essa narrativa, sobretudo acompanhada com algumas illustrações dos ultimos vestigios que ainda se podem observar na procissão de Penafiel e aos quaes alludiram já o *Minho pittoresco* e a primeira serie do *Jornal de Viagens*. Com a erudição adquirida e com as suas aptidões o estimavel publicista prestaria assim um excellente serviço de vulgarisação, do mesmo passo litterario e historico.

Do trabalho a que nos vimos referindo desejaríamos ainda vér expungidas algumas declamações de eruditismo facil e vã rhetorica: «a moradia nos reconcavos das rochas e nos covis disputados aos animaes ferozes», nos tempos prehistoricos, o poema immenso do trabalho «desde o fogo produsido pela fricção de dois pedacos de silex até ás complicadas machinas movidas pela força expansiva do calor» e ainda «desde a escripta hieroglyphica até Guttenberg», etc.!

A cada um o seu logar. Deixar isso para os incompetentes que assim encobrem uma estructural debilidade conceptiva e indagadora. Não vamos aconselhar agora ao sr. Esteves Pereira, porque se occupou da historia e organização dos mesteres, que, transmudado em folk-lorista, escreva um livro da indole das *Légendes et curiosités des métiers*, de Sébillot. Com mais rasão, pois, folgaríamos em vér apagadas estas excrescencias inteiramente inuteis para a indole da sua monographia.

O sr. Esteves Pereira, a quem cordalmente felicitamos pelo seu empreendimento elo-giavel, acceitará certamente os nossos reparos attribuindo-lhes a significação que visivelmente os explicam e motivam: o empenho em vermos tratado com a elevação merecida um dos capitulos que mais importam para o estudo do trabalho em Portugal. Cumpre-nos, a todos, lembrar, suggerir e ajudar — nomeadamente quando ao serviço d'um intuito como o que dictou esse interessante livrinho.

R. P.

Esqueceu-se citar o Duarte R. de Azevedo

Varios. LE PORTUGAL *géographique, ethnologique, administratif, économique, littéraire, artistique, historique, politique, colonial, etc.* 8.º, 368 pags., 162 gravs. e 12 cartas. Larousse ed. Paris, 1900.

Quando appareceu, em 1898, o numero 247 da *Revue encyclopédique Larousse* commemorativo do quarto centenario da celebrada viagem de Vasco da Gama, estranhou-se a levesa e insufficiencia da documentação destinada a exhibir perante o estrangeiro a patria portuguesa. Um ou outro artigo provocou commentarios azedos e justos — como na *Resistencia*, de Coimbra, n.º de 24 e 28 de julho de 1898, a critica ao capitulo referente ás Bellas-Artes. Em certo limite, porém, atenua-se a leviandade indouta d'essa precaria elaboração do fasciculo, apressadamente organizado, atabalhoadamente incumbido aos que primeiro appareceram e se prestaram; mas toda a benevolencia cessa em face d'esta desastrada compendiação em livro d'uma serie de artigos que se enfeixam lastimosamente para darem, d'este paiz desventurado, ideias burlescas e noções indecorosas e falsas.

Em *Le Portugal* reeditam-se os escriptos já insertos na revista, uns integralmente, outros levemente alterados e os peiores, como o intitulado *Mœurs et coutumes*, esses então notavelmente acrescidos em inanidade e em texto. A raça, a historia, a vida economica, a politica contemporanea, a imprensa, a caricatura e pouco mais são as novidades, em similar elevação, que o volume exara.

Não nos é licito, pela disciplina a que um programma submete esta publicação, estender os nossos commentarios além do capitulo já indicado e do que se occupa da raça. Apenas, de onde a onde, cumpre passar de leve por uma ou outra affirmção pittoresca e exhibitoria do processo com que semelhante obra está delineada.

Assim a descripção do territorio actual começa logo por o identificar com o da antiga Lusitania, nem com mais, nem com menos; e breve se proclama que elle constitue «uma individualidade geographica nitidamente determinada»!

O Minho e o Douro são provincias francamente alpestres e revestidas com espessas florestas de castanheiros, o que já não acontece em Traz-os-Montes onde as serras se apresentam geralmente seccas e nuas! E' ainda nos districtos da fronteira transmontana que domina a vida pastoral!... O Vouga morre tristemente na laguna de Aveiro que se assemelha, *d'une manière si frappante*, á bacia de Arcachon! E as regiões saneadas da ria teem sido transformadas, na maior parte, em arrozaes!... O Alemtejo foi, nos tempos dos romanos e dos arabes, o celloiro da Peninsula! Etc.!

Não ha cruesa de commentarios que corresponda áquellas florestas minhotas de castanheiros, á generalisação dos arrozaes na ria de Aveiro e á similitude d'esta com a bahia de Arcachon!

N'outro artigo os nossos mais afamados homens do mar são os de Ovar, Ilhavo e Aveiro, o infante D. Henrique sempre fundou a Academia naval em Sagres e o professor Deusdado tem feito immenso pela diffusão das sciencias geographicas em Portugal!

Em outro ainda, aos celtas, iberos e lusitanos, juntaram-se successivamente os phenicios, os carthaginezes, os gregos, os romanos, os godos e os arabes, legando cada um d'estes elementos o seu traço ao temperamento portuguez. Como? Do lusitano, herdou a poesia amorosa e o indomavel espirito de independencia; do phenicio, a paixão do mar e das aventuras longinquoas; do grego, o culto olympico da forma; do celto, o idealismo sonhador; do arabe, o fatalismo; do romano, o espirito da ordem e da elegancia!

Phantastico!

Os soldados do exercito portuguez, ainda em outro artigo e consoante as estampas, são todos gentis-homens. Aquelle figurado desperta logo a lembrança d'outro que o mesmo auctor, o sr. Christovam Ayres, exhibiu n'uma obra estupenda onde só é boa a generosa e malbaratada cooperação de Martins Sarmiento: o celtibero, o lusitano, o betico, o callaico, tudo em pé de guerra, de escudo, de lança, de capacete e de barbaças!

Acima de toda esta fraudulagem ethnica avulta o resumo do sr. Zaborowski, o qual, á parte a incommensuravel distancia que os separa em valores, está para os livros d'esta Bibliotheca Larousse como o sr. Ayres para a engraçadissima *Historia do exercito portuguez*. Foi já o illustre anthropologista francez quem escreveu os capitulos correspondentes em *La Hollande e L'Italie*; e é elle ainda quem resume agora *Les âges préhistoriques* de Cartailhac e pouco mais, n'este seu papel, que deploramos, de arreglador officioso dos caracteres ethnicos de todos os povos descriptos e lançados pela livraria Larousse e seus collaboradores. Nos traços geraes esse resumo é bem feito, como não podia deixar de ser, occupando-se de semelhante assumpto um professional illustre; em varios detalhes, porém, revela-se breve o auctor como alheio inteiramente ao povo que descreve, ás suas vicissitudes sociaes, ao numero, ao valor e á interferencia dos factores que, em grau vario, promoveram alterações, combinações e mestiçagens mais ou menos fugases, um tanto ou pouco accentuadas e duraveis.

O sr. Zaborowski fallando dos crusamentos entre portuguezes e indigenas d'Africa lá reprodüz a affirmção de que, no nosso sangue, foi introduzido o de raças muito distantes e *particularmente sangue negro*! E' a falsidade, velha e relha, já muitas vezes proclamada por escriptores nacionaes e ordinariamente acompanhada, como depoimento indefectivel, da sabida copla de Garcia de Rezende. Não ha muito ainda que, n'uma these de medicina do sr. Severino Marques, se regista tambem, como averiguada, a influencia de raça negra nas nossas populações.

E pela mesma ladeira, mais recentemente, o sr. Gonçalves Lopes, na sua dissertação *Os beirões*, lá ia escorregando, com copla e tudo. Arrependeu-se mais tarde, felizmente.

Ora se entre nós surge, de quando em quando, quem declare á face de mensurações e tabellas a diffusão do preto por entre as populações do reino, não espanta que o anthropologista francez seja o echo naturalmente exaggerado d'uma asserção fundamentada em quintilhas do seculo XVI e em devaneios levianos de anthropometristas *in herbis*.¹ A torpesa genesica de varios portuguezes que carregiam para o continente, do Brasil e d'África, a progenie escarumba, constitue, ao que parece, o elemento suggestionante e ensinativo dos noveis anthropologistas que affloram!

Assignala depois o anthropologista estrangeiro que os inglezes, n'esta sua segunda patria, criam familias, misturando *felizmente* os seus caracteres de louros aos nossos de morenos! Isto é tam radicalmente falso como irreductivelmente antipathico é para nós o bretão! A patria será já d'elles, porventura; a fusão, porém, é ainda um imaginoso e singular crusamento que os governos não decretaram por enquanto!

Este livro, pois, de provavel dispersão pelo estrangeiro, irá ensinar que no portuguez de hoje, além dos vestigios da estirpe ancestral crusada com certos povos invasores do mundo antigo, se combinaram ulteriormente, d'uma banda o preto e por outro lado o inglez! E a confirmação deriva implicitamente tacita pelo mutismo dos organisadores portuguezes que presidiram a esta edição e assim deixaram passar, subscriptas por um nome illustre, essas asserções indecorosas.²

E' a este artigo que se segue o intitulado *Mœurs et coutumes*. Rompe logo declarando que, ethnographicamente, os habitantes de Portugal e Hespanha são da mesma raça! Mas addita presto que os traços primitivos se alteraram por varios crusamentos, reproduzindo seguidamente a classificação provincial de Oliveira Martins, ethnographia esta e apenas de litterato muito intelligente e já agora especie de Escriptura para todos os que fallam do povo portuguez, desde Arruda Furtado que valia muito, até este jovial sr. Silva Lisboa, que vale o que vamos vêr. Completa, emtanto, o resumo do historiador, não destacando um ou outro curioso typo parcellar como o soajeiro, o barrosão, o maiato, o poveiro, o ovarino, o mirandez, os gandareses, mas só o ribatejano e o saloio, este conservando, segundo o sr. Lisboa, o typo dos antigos colonos normandos!

Observe-se esta macabra sarabanda ethnica!

Passando á descripção do portuguez, *em geral*, declara então que é sob o ponto de vista physico e em primeiro lugar que nós nos distinguimos mais dos hespanhoes! Isto comprova inexoravelmente que somos da mesma raça! Sobrancelhas negras como azeviche, olhos muito pretos e verdadeiramente bellos, expressão langorosa, physionomia terna, embora viva sob o fogo da paixão; coração excellente, sem odios, nem rancores; orgulho incrível, por causa da raça e do clima; raridade de gestos; por fim uma mistura singular, para o sr. Silva Lisboa, de qualidades e defeitos!

Em Portugal gosta-se muito de gatos, onde são quasi sagrados como no Egypto; é-se ativo por termos sempre presente a nossa ascendencia dos companheiros de Gama e Albuquerque; e como diversão á nossa vida monotona temos estas festas publicas: o 1.º de dezembro, o entrudo e o natal! A vida seria e familiar começa pela «olhadella» (aqui disserta o sr. Lisboa sobre a especialidade); e a noiva acceita os filhos naturaes do marido pois que todos nós não esquecemos que D. João I — e mais foi um grande rei! — era bastardo! Enterros civis raros, embora o anti-clericalismo e mesmo a irreligião reinem nas cidades de Portugal!

Parecem factos estes traços destacados da physionomia do portuguez que o sr. Silva Lisboa exhibe, loução e galhardo, como quem, em psychologia collectiva, explica tudo; e afinal si:

¹ Folgamos em registrar uma excepção recente. O sr. Mascarenhas de Mello, na sua dissertação *O indice nasal dos portuguezes* inserto no *Instituto*, fasc. 4, tom. 48, não concorda com a enxertia de preto.

² Estava escripta esta nota bibliographica quando nos chegou o fasc. 3 do tom. I e serie V dos *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, onde, a pags. 231-3, se encontra a communicação do sr. Zaborowski intitulada *Les portugais d'après des photographies*. Além de confirmar as suas asserções ethnicas insertas em *Le Portugal* assegura «d'une façon très catégorique» que o mouro nos imprimiu um accentuadissimo caracter! N'outro lugar d'esta publicação se faz referencia á lastimavel communicação alludida. Os documentos sobre que o anthropologista francez decalca o seu trabalho são 36 photocopias a elle remetidas pelo sr. Antonio Mesquita de Figueiredo. Com ellas recebia ainda, da mesma procedencia, duas outras referentes a Campolide, estação prehistorica descripta pelo nosso camarada Fonseca Cardoso na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, fasc. 9, tom. 111, e bem assim ainda outra de casas sobre estacaria na Cova de Lavos. Já no fasc. 5 do tom. IX da *Revue de l'École d'Anthropologie de Paris* o sr. Ch. Daveluy insere um artigo, a pags. 167-8, intitulado *Palafittes terrestres contemporaines en Portugal* e baseado em positivos de cá remetidos, pelo mesmo individuo, ao extinto Ph. Salmon. Estava então já publicada uma monographia sobre o assumpto no fasc. 1 da *Portugalia*! Esta sciencia de exportação suggestionada e firmada na investigação alheia, resultando deploravel por varios titulos, e as affirmações do sr. Zaborowski assentes em material procedente de semelhante origem, motivaram o folhetim intitulado *O sangue de preto no povo portuguez* estampado no *Primeiro de Janeiro* de 30 de março de 1901. Foi um esclarecimento, um aviso e um protesto.

este resumo justificaria o legitimo engulho com que vamos rapidamente annotando esta inverossimil farça.

Mas ha mais: e são as referencias aos costumes tradicionaes, vivases ainda ou apagados, do povo portuguez; são as allusões ás formas populares da vida social e religiosa; são, depois dos caracteres somaticos e psychicos, as descripções da sua casa, do seu vestuario, da sua alimentação, da sua lavoura, das suas artes e industrias.

Destacando uma ou outra das novidades com que nos confunde temos, principiando, a companhia de pesca. E' uma corporação dirigida por um chefe, que compra as rédes para todos e partilha os lucros; veste á napolitana: carapuça, gabão para a chuva, camisa, facha vermelha e calções brancos deixando as pernas nuas. Vejam, entre outros, conforme o sur. Lisboa, os pescadores da Povoa e de Villa do Conde!

Em assumpto de pescas a varina é ainda a auxiliar do pescador e a companheira do gallego; entre varios defeitos d'esta figura — pois a sua plastica é para o sur. Silva Lisboa das mais chocantes — conta-se o uso de objectos de ouro que degenera em monomania. E explicando assim eis porque naturalmente nos diz o auctor que o casaco dos lavradores portuguezes é ornado com botões de metal.

No vestuario das mulheres ha apenas um typo de collete, especie de bolero, tambem com dois botões de prata; usam ainda ou chapéus de largas abas ou capota, moda esta particular do Porto, do Minho e de Santo Thyrso, que provavelmente está no Alemtejo! A capa de honras de Miranda, o capote alemtejano, o gabinardo e a nisa, o jaqué, a coroa, as pantalonas e safões, as piucas, a capucha de Barroso e da Cabreira, a serrana de Soajo, Gavieira e Arga, o jangadeiro de Anha, a castreja de Laboreiro, a camponesa de Perre, de Ancora e Meadella, a ceifeira alemtejana, a mulher de Murtosa, não mereceram ao auctor uma allusão de passagem.

Relativamente á architectura popular ensina-nos este chronista que no Alemtejo a habitação é miseravel, mais cuidada no Algarve, mais alegre e solida no norte. E nem um typo, nem uma estampa, em livro tam prodigo de figuras, que represente a casa serrana da Lousã, da Graheira, do Gerez ou do Marão, a casa minhota de alpendre ou de varanda ao correr, a transmontana com a balaustrada firmada em pilastras, a beirá, o monte alemtejano, a vivenda com terraço no Algarve! Nem poços, nem mēdas, nem espigueiros, nem chaminés, nem grimpas, nem retábulos: nem cruseiros, nem fontes, nem nichos, nem alminhas, nem ermidas, nem pelourinhos!

Passando por sobre o paragraho da alimentação, temos breve o dos divertimentos populares. A ceifa é um dos mais queridos; e quando um homem encontra uma espiga vermelha oferece-a a uma rapariga que lh'a retribue com um beijo! A esfolhada é a ceifa e o abraço voluntario do lapuz é o beijo da moça!

Entre as danças rusticas contamos o fado e o landum chorado; e como os portuguezes sejam grandes amadores de pyrotechnia os foguetes teem o dom particular de lhes sobreexcitarem o entusiasmo!

Aspectos de vessadas, sementeiras, sachas, malhadas e esfolhadas; as espadelladas, as matanças e os magustos; a apanha da azeitona e a vindima; os cirios, os clamores, as rondas e as romarias; os autos e entremeses, o compasso, os descantes, as maias, o S. João, a consoada e os Reis; as feiras e mercados caracteristicos é que nada merecem, illustrativamente, em face d'outros costumes buscados nas ilhas adjacentes. E assim, enquanto dos Açores e da Madeira ha nove estampas representativas de costumes e typos, dose bastam para o continente: seis lavradeiras e vendedeiras, tres camponeses de Monchique, um jugo, um pescador e uma mulher de Arouca é o que mostramos de caracteristico, aos estrangeiros, n'essa edição francesa que conta a patria!

Frente a esta inqualificavel monstruosidade não é exaggero lastimar, com aziume fundamentalmente magoadado, esse feixe de noções falsas ou incompletas, torpes ou grotescas, com que, n'um livro destinado a uma ampla expansão mercantil, se historia ridiculamente a vida portuguesa. Doe como uma inapagavel injuria a versatilidade ignara que resuma de todo este alfôbre de solercias. E subscripta por um portuguez constitue o que, com propriedade integral, podemos denominar uma *Má acção*.

A escassez de tempo, as restrictas facilidades do editor, a distancia que separava a direcção da patria, serão, entre outros, os motivos allegados de justificação e desculpa; elles não enobrem, porém, a insciencia na organização da bibliographia final, a mirabolante galeria de celebriedades portuguesas que nos assombram, a desastrada escolha de cooperadores da illustração e do texto.

O decôro proprio e o d'esta revista impediam-nos inicialmente semelhante referencia a esse verdadeiro logro litterario. Acontecendo, todavia, que se trata d'uma obra destinada a estrangeiros, cumpria-nos penosamente marcar aqui o protesto que assignale aos homens do futuro a nossa magoa e a nossa repulsa por essa arlequinada incomparavel!

R. P.